

O “ORIENTALISMO” NA LITERATURA DO SÉCULO XIX: O CASO DE *A VOLTA AO MUNDO EM OITENTA DIAS*.

Vanessa Fronza¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo evidenciar o eurocentrismo presente na literatura do século XIX, a partir do conceito de orientalismo, discutido por Edward Said em suas obras. Para isso, foi escolhido como objeto de análise o livro *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*, de Júlio Verne, publicado em 1873, que tem como enredo a viagem dos dois personagens principais – europeus – por diversas partes do mundo, onde estabelecem contato com diferentes culturas, as quais são julgadas e classificadas como inferiores. Através de alguns trechos do livro, pode-se observar o pensamento vigente do leitor europeu desta época, visto que a literatura se relaciona diretamente com o contexto no qual é produzida.

Palavras-chave: *Orientalismo; Júlio Verne; Literatura do século XIX.*

A Volta ao Mundo em Oitenta dias, livro publicado em 1873, explora principalmente alguns temas recorrentes no século XIX: a possibilidade e a velocidade das viagens, ocasionadas pelo aumento da eficácia dos meios de transporte, especialmente com a construção de diversas ferrovias e do canal de Suez.

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Federal do Paraná (UFPR), orientada nesse trabalho pela Profª Andréa Doré.

O tema das viagens é uma constante nas obras de Júlio Verne, sendo que parte de suas publicações é classificada como “viagens extraordinárias”², onde se inserem além da obra aqui analisada, outras como *Cinco Semanas em um Balão* (1863), *Viagem ao Centro da Terra* (1864) e *Vinte mil léguas Submarinas* (1870). Apesar do conteúdo geográfico presente em seus livros, Júlio Verne nunca esteve em diversos lugares que descreveu, sendo que toda a informação que ele tinha sobre os continentes vinha de sua pesquisa ou dos relatos de seus amigos exploradores. Não podemos deixar de notar a capacidade imaginativa de Verne ao descrever minuciosamente cada lugar por onde passaram seus personagens.

Como filho de seu tempo, Júlio Verne aborda em suas obras o cientificismo que perpassa todo o século XIX, principalmente nas características de alguns de seus personagens, como os letRADOS Lidenbrock (de *Viagem ao Centro da Terra*) e Aronnax (de *Vinte mil léguas Submarinas*), acadêmicos dedicados aos rigores da ciência, sendo homens incansáveis em seus estudos. Em *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*, Júlio Verne nos apresenta o inglês Phileas Fogg,

² Esse conceito é utilizado por Oswaldo Bueno Amorim Filho para classificar as obras vernianas que descrevem viagens a lugares fantásticos, como o centro da terra ou a própria lua, e também viagens com destinos que poderiam ser reais, como a África ou o pólo Sul. O autor enquadra todas as obras de Verne que se adequam a essa classificação e também traça no globo as rotas de alguns personagens dos livros mais famosos.

personagem extremamente metódico e objetivo, cujo controle pessoal e temperança contrastam com a figura de seu criado, o francês Jean Passepartout, o qual representa o homem passional, que sempre demonstra o que sente.

Em uma passagem do livro, o próprio Passepartout caracteriza seu senhor como “verdadeira máquina”, um homem de “vida mecânica” já que todos os aspectos da vida de Fogg eram invariavelmente regrados.

A vida urbana do século XIX também é contemplada em *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*, seguindo a caracterização da rotina de Phileas Fogg: sua associação ao Clube Reformador, a frequente leitura dos jornais, a citação da movimentação dos bancos e da Bolsa.

Entretanto, a monotonia da vida de Fogg é quebrada quando ele concorda em participar de uma aposta com seus amigos do Clube Reformador: o personagem acredita que com a tecnologia vigente e a rapidez com que poderiam ser realizadas as viagens, uma pessoa é capaz de dar a volta ao mundo em oitenta dias. Seus amigos discordam e o incitam a tentar tal proeza mediante o pagamento de uma considerável quantia em dinheiro. Fogg aceita participar da aposta e começa a traçar a rota de sua viagem, incluindo em seus cálculos o tempo necessário para possíveis atrasos e imprevistos. Como tudo em sua vida, Phileas Fogg planeja a viagem de forma

sistematicamente detalhada, com os horários de partida de cada meio de transporte que utilizará, entre eles navios e trens.

Porém, a proposta que permeia este trabalho não é atentar aos aspectos da vida dos personagens na Europa, e sim como estes se relacionaram com os lugares pelos quais passaram em sua viagem. Essa perspectiva é orientada pela posição de autoridade em que o viajante europeu se coloca para julgar os outros povos. Deve-se lembrar que é também no século XIX que o fortalecimento das identidades nacionais na Europa propicia a oposição da figura de um “nós” europeu a um “outro” oriental, africano, enfim, aos povos de outros territórios.

É essa diferenciação que posteriormente será utilizada pelos europeus para legitimar seu imperialismo, o qual é retratado no livro de Júlio Verne quando da passagem de Phileas Fogg pela Índia e por outras colônias de dominação inglesa. Esta postura de dominação que a Europa exerce sobre o Oriente é explicada por Edward Said em *Orientalismo*, livro originalmente publicado em 1978:

“Quando reduzido à sua forma mais simples, o argumento era claro, era preciso, era fácil de compreender. Há ocidentais, e há orientais. Os primeiros dominam; os últimos devem ser dominados, o que geralmente significa ter suas terras ocupadas, seus assuntos internos rigidamente controlados, seu sangue e seu tesouro colocados à disposição de uma ou outra potência ocidental.” (SAID, 2007 : 68)

Em *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*, o estranhamento frente ao “outro” é personificado pelo criado francês Passepartout, que sempre expressa seu espanto ou fascínio por determinadas características que ele julga como exóticas. Estas podem se referir tanto à natureza exuberante dos países quanto aos diferentes costumes de seus povos.

Nos capítulos em que Phileas Fogg e Jean Passepartout passam pela Índia, por muitas vezes o narrador expressa as benfeitorias que a dominação inglesa propiciou àquela terra e a liberdade que os ingleses conferem aos indianos, já que garantem a manutenção das práticas religiosas hindus. Porém, quando os viajantes presenciam um outro culto religioso, o *sutty*³, no qual uma viúva será queimada viva junto ao corpo de seu falecido marido, o narrador explica que sob a influência do domínio inglês a prática do *sutty* diminuiu muito. Nota-se que tal culto é considerado pelos europeus como bárbaro e Phileas Fogg e Passepartout intervêm no ritual com o objetivo de salvar a viúva, desrespeitando a cultura hindu. Mesmo que o narrador explique que o governo inglês resguarda a liberdade de culto dos indianos, são os europeus que

³ Na edição utilizada do livro “A Volta ao Mundo em Oitenta dias”, tal prática ritualística aparece denominada como *sutty*. Entretanto, pode aparecer também como *sati* ou *suttee*. Esses termos foram encontrados em sites que abordavam o verbete *suttee (hindu custom)* e *Practice of Suttee (Sati) in Índia*, devidamente referenciados na bibliografia.

definem o que pode ou não ser feito, a partir de seus conceitos de civilidade. Nesta parte destinada ao episódio do *sutty*, por exemplo, encontramos a descrição dos praticantes do culto indiano como fanáticos religiosos:

“Toda essa parte do alto Bundelcunde, pouco freqüentada por viajantes, é habitada por população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião indiana. O domínio dos ingleses não pôde estabelecer-se regularmente em território submetido à influência dos rajás, aos quais seria difícil alcançar, nas suas posições inacessíveis encravadas nos Víndias. Por várias vezes avistaram bandos de hindus selvagens e ferozes, que faziam gestos de cólera ao verem passar o veloz quadrúpede. Entretanto, o parse evitava-os o mais possível, considerando-os como criaturas cujo encontro seria funesto.” (VERNE, 1999: 56)

Talvez o leitor atual de *A Volta ao Mundo em Oitenta dias* questione como Phileas Fogg, um homem tão respeitável, não demonstrasse oposição ao fato de estrangeiros (leia-se ocidentais) dominarem povos e territórios da África e Ásia que não lhes pertenciam. Porém, tal pensamento seria anacrônico, visto que no contexto do fim do século XIX, o imperialismo alcançava seu auge e a maioria dos europeus aceitava que esses povos do Oriente deveriam ser dominados, visto que eram julgados como inferiores. Em *Cultura e Imperialismo*, Said demonstra a comodidade dos europeus frente ao domínio com que subjugaram outros povos:

“Havia um comprometimento por causa do lucro, e que ia além dele, um comprometimento na circulação e recirculação constantes, o qual, por um lado, permitia que pessoas decentes aceitassem a idéia de que territórios distantes e respectivos povos *deviam* ser subjugados e, por outro, revigorava as energias metropolitanas, de maneira que pessoas decentes pudessem pensar no *imperium* como um dever planejado, quase metafísico de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados. Não podemos esquecer que era mínima a resistência doméstica a esses impérios, [...]” (SAID, 1995 : 41, grifos do autor)

Quanto a essa referência de inferioridade segundo a qual os europeus classificam os outros povos dependendo de seu progresso técnico, temos outros exemplos durante o livro, como o episódio em que os personagens avistam povos nativos da Ásia: “O barco seguiu costeando, sem que os selvagens papuas da ilha dessem sinais de vida. São seres do último grau da escala humana, que foram erroneamente qualificados de antropófagos.” (VERNE, 1999: 77).

A classificação de “selvagens” se repete quando, já na América, o trem onde viajam Phileas Fogg, seu criado Passepartout, e agora também Aouda – a viúva indiana que os viajantes resgataram da morte no *sutty* – é atacado por índios sioux: “Ao mesmo tempo, os selvagens, ébrios de furor, tinham invadido os vagões, corriam como macacos furiosos por cima dos tetos, arrombavam as

portinholas e lutavam corpo a corpo com os passageiros.” (VERNE, 1999: 141).

Quanto a outros aspectos do contexto e do pensamento do século XIX que podemos encontrar em *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*, há a percepção do narrador sobre a miscigenação na qual o mundo se encontra, visto que, em todas as cidades por onde os viajantes passam, apresenta-se uma mistura de povos de diferentes procedências, especialmente europeus, espalhados por outras partes do mundo em sua missão de colonização. Eles levam para estes lugares sua influência européia, o que pode ser sentido pelos viajantes até mesmo na estrutura e na estética das cidades, como nesta descrição de Calcutá:

“Atravessaram as estreitas ruas da cidade negra, cujos edifícios eram sórdidos barracões nos quais pululava cosmopolita e bizarra população suja e andrajosa. Penetraram depois na cidade européia, com suas vistosas construções e amplas ruas, sombreadas por coqueiros e eriçadas de mastros, por entre os quais, apesar da hora matinal, deslizavam já elegantes cavaleiros e carruagens esplêndidas.” (VERNE, 1999 : 71)

Adentrando nos costumes do século XIX, o autor relata o consumo do ópio. Esta substância era largamente consumida no cotidiano da época, porém Verne já se encontra em um contexto no

qual o consumo do ópio deixa de ser considerado trivial e passa a ser relacionado a um vício ruim e degradante:

“Fix e Passepartout compreenderam que tinham penetrado em fumaria freqüentada por infelizes viciados, magros, idiotas, aos quais a especuladora Inglaterra vende anualmente duzentos e sessenta milhões de francos dessa droga funesta chamada ópio. Tristes milhões aqueles, ganhos com um dos mais perniciosos vícios da natureza humana!” (VERNE, 1999 : 90-91)

Neste trecho temos também uma das poucas reprovações do narrador em relação à Inglaterra, fornecedora do ópio.

Analizando ainda aspectos cotidianos do século XIX, observamos a posição da mulher, representada neste livro por Aouda, que também conclui a volta ao mundo. Aouda é a mulher que Fogg e Passepartout evitaram que morresse queimada durante o *sutty* em sua passagem pela Índia. Apesar de ser casada com um líder indiano, Aouda é descrita como portadora de educação e beleza européias. Talvez por esses dois atributos é que ela seja incorporada à viagem de volta ao mundo, afinal, ser um viajante do século XIX já pressupõe que se trata de um agente masculino e seria muito improvável que Phileas Fogg e Jean Passepartout aceitassem a presença de Aouda se ela não se enquadrasse nos mesmos costumes europeus vivenciados por esses dois personagens. Um outro aspecto

interessante é que os viajantes não levaram nenhuma lembrança dos lugares por onde passaram, os únicos objetos que compravam eram víveres ou coisas imprescindíveis para o bom prosseguimento da viagem, como quando Fogg compra um elefante para atravessar as partes da Índia onde os trilhos de trem não estavam prontos. Obviamente, ele não leva o elefante consigo em sua viagem, e a única pessoa que eles conhecem durante a volta ao mundo que tem a prerrogativa de acompanhar os dois viajantes é mesmo Aouda.

Ela é apresentada como uma mulher corajosa e ousada. Quando do ataque indígena na América, o autor escreve: “Desde o começo do ataque, Aouda tinha-se comportado valentemente. De revólver em punho, defendia-se heroicamente, disparando através dos vidros partidos quando algum índio se punha ao alcance do seu revólver.” (VERNE, 1999 : 141) Ao retornarem à Europa, ela tem a iniciativa de pedir Phileas Fogg em casamento, expressando seu comportamento inovador para os padrões da época.

Mesmo com essas demonstrações de força e independência, a mulher não é muito privilegiada neste tipo de literatura de aventura, uma vez que esse é um mundo majoritariamente masculino, como indica Edward Said:

“Estamos num mundo masculino dominado por viagens, negócios, aventuras e intrigas, e é um mundo

celibatário, onde o romantismo usual da literatura e a instituição duradoura do matrimônio são contornados, evitados, quase ignorados. No máximo, as mulheres ajudam no andamento das coisas: compram uma passagem, cozinham, atendem os doentes e... atrapalham os homens.” (SAID, 1995: 184)

Essa é uma das diferenças da literatura romântica para a literatura de aventura, visto que Aouda e Phileas Fogg somente se declaram um ao outro em sua chegada a Europa, pois durante a viagem eles permanecem atentos aos trâmites de sua aventura, que não deixa espaço para romances.

Porém, segundo o narrador, como ela é uma mulher, não pode realizar semelhante viagem à maneira dos homens e necessita da constante proteção masculina:

“Desde que a jovem aceitara o oferecimento de Fogg de leva-la para a Europa, tinha de pensar em todos os pormenores requeridos por tão longa viagem. Admitese que um inglês como ele possa dar a volta ao mundo de maleta na mão. Mas uma dama não podia empreender semelhante viagem naquelas condições.” (VERNE, 1999: 95)

Portanto, mesmo que a personagem Aouda mostre-se plenamente capaz de realizar a volta ao mundo, ainda há uma preponderância masculina entre os personagens da literatura de aventura.

O enredo que envolve uma mulher, geralmente uma princesa ou equivalente, que é acompanhada por alguns homens em uma viagem e acaba se apaixonando por um deles não é novo, podendo ser considerado uma constante no imaginário do leitor. Há narrativas anteriores aos escritos de Júlio Verne que remetem a essa trama, como por exemplo o relato de Marco Polo no qual Kublai Khan precisa enviar a princesa Cogatim para casar-se com um aliado, “[...] e Marco Polo ofereceu então seus serviços e propôs acompanhar a princesa por via marítima em uma viagem que duraria três anos.” (DORÉ, 2010 : 238)

Observando a caracterização dos personagens, os relatos do narrador e a forma que o autor constrói seu texto, é possível construir mentalmente um retrato da sociedade do século XIX, contexto no qual o livro foi escrito. Notamos nos trechos de *A Volta ao Mundo em Oitenta dias* aqui citados que no pensamento da época uma mulher não poderia empreender uma viagem tão arriscada sozinha e nas mesmas condições que os homens, que o ópio já começava a ser visto como uma ameaça à saúde e à integridade pessoal e que as cidades orientais apresentavam diversas mudanças, mesclando em suas ruas os costumes “atrasados” dos povos nativos com o requinte e a tecnologia, muitas vezes implantados devido à colonização por países europeus. Pelo menos é essa a visão passada pelo livro, de que

graças à superioridade européia, que exercia o controle sob parte do Oriente, esse território estava se transformando em um lugar civilizado. Isso pode ser atestado perante a construção de ferrovias, ampliação dos meios de transporte e imposição da cultura européia.

A relação dos personagens europeus com a população local dos países por onde passavam em sua volta ao mundo é de distanciamento, sendo que eles não se identificavam com suas práticas e se colocavam em uma posição superior de onde poderiam julgá-las como certas ou erradas, como quando eles se deparam com o *sutty* indiano. Esse estranhamento em relação ao “outro”, que serve também para diferenciá-lo do “nós” é explicado por Said:

“Em outras palavras, essa prática universal de designar mentalmente um lugar familiar, que é o “noso”, e um espaço não familiar além do “noso”, que é o “deles”, é um modo de fazer distinções geográficas que pode ser inteiramente arbitrário. Uso a palavra “arbitrário” neste ponto, porque a geografia imaginativa da variedade “nossa terra – terra bárbara” não requer que os bárbaros reconheçam a distinção. Basta que “nós” tracemos essas fronteiras em nossas mentes; “eles” se tornam “eles” de acordo com as demarcações, e tanto o seu território como a sua mentalidade são designados como diferentes dos “nossos”. (SAID, 2007 :91, grifo do autor)

A distinção entre o “nós” e os “outros” realmente não é conhecida por aqueles que não fazem parte do “noso” grupo, e em

nenhum momento do livro são emitidas as opiniões dos povos orientais ou nativos sobre os viajantes que pretendem dar a volta ao mundo, eles são apenas silenciados. Os únicos personagens que se envolvem com o objetivo de Phileas Fogg durante sua viagem são geralmente europeus encontrados no caminho, como o general Francis Cromarty, passageiro do mesmo trem que levava Fogg e Passepartout através do território indiano.

Essa relação de alteridade explica muito sobre o lugar do qual o europeu escreve a história. Nos relatos de viajantes nota-se a posição de autoridade na qual o observador europeu se coloca para descrever a paisagem, a população e os costumes dos locais por onde passa, utilizando seus próprios juízos de valor. Apesar de Phileas Fogg e Jean Passepartout serem apenas viajantes imaginários, personagens de um livro de Júlio Verne, essa postura se repete em viajantes europeus reais, como por exemplo, o botânico e naturalista francês Saint-Hilaire, que percorreu diversas localidades do Brasil na primeira metade do século XIX.

Essa prática européia de enviar estudiosos a outros países para conhecer seus aspectos era comum a partir do século XVIII, período em que se ansiava por mais conhecimento e no qual foram consolidadas diversas disciplinas, entre elas, a própria história. Um dos mais famosos governantes que aderiu a esse método foi

Napoleão Bonaparte, quando da dominação do Egito no final do século XVIII. Bonaparte levou consigo para o Egito dezenas de estudiosos, com as mais distintas especialidades, para explorar e pesquisar aquele país. Sauneron descreve as operações realizadas no Egito por esses acadêmicos:

“Dentro de um reduzido número de meses (junho de 1798- setembro de 1802) foram escalpelados todos os aspectos do Egito: flora, fauna, geologia, a natureza de suas águas, de seus poços, sua geografia: levantou-se um mapa, de Assua até o Mediterrâneo, transformado posteriormente em um Atlas de cinqüenta e uma folhas. Os habitantes foram descritos, estudados os seus costumes, seus tipos físicos, sua música, seus mistérios e sua maneira de viver e de trajar, seu sistema de medidas e de moedas, o regime dos turcos e seu sistema fiscal foi objeto de uma exposição demorada assim como as indústrias do país, seu comércio e suas condições sanitárias... Descreveu-se, finalmente, o próprio país, de norte a sul, tendo sido assinalados, desenhados, medidos, todos os monumentos visíveis naquela época, fossem eles faraônicos, cristãos, árabes ou turcos.” (SAUNERON, 1970 : 12-13)

O estudo sobre países que não se inserem num contexto ocidental e cristão, tornou-se então uma disciplina acadêmica e um assunto que despertava interesse na população européia. Isso é atestado em *A Volta ao Mundo em Oitenta dias* quando o narrador afirma: “É geralmente sabido o interesse que se toma na Inglaterra por tudo quanto diz respeito à geografia. Por isto, não havia leitor, de

qualquer classe que fosse, que não devorasse as colunas consagradas à questão.” (VERNE, 1999, p. 27). No livro já aparece o fascínio europeu pelo conhecimento de outras partes do mundo, abordado através da geografia. Porém, como descreve Sauneron muitas outras disciplinas também eram empregadas na pesquisa acerca dos países orientais, sendo que esse campo de estudos tornou-se promissor na Europa dada a atenção dedicada a tudo aquilo que fosse considerado exótico e diferente. Essa proliferação dos estudos orientais na Europa também é abordada por Said:

“Um deles era um conhecimento sistemático crescente na Europa sobre o Oriente, conhecimento reforçado pelo encontro colonial bem como pelo interesse geral pelo estranho e insólito, explorado pelas ciências em desenvolvimento da etnologia, da anatomia comparada, da filologia e da história; além do mais, a esse conhecimento sistemático acrescentava-se um corpo de literatura de bom tamanho produzido por romancistas, poetas, tradutores e viajantes talentosos. A outra característica das relações oriental-européias era que a Europa estava sempre numa posição de força, para não dizer dominação.” (SAID, 2007 : 73)

O interesse no conhecimento sobre o Oriente era tanto que formou-se um ávido mercado consumidor para a literatura que abordasse esse tema, surgindo então espaço para autores como o próprio Verne, que em obras como *A Volta ao Mundo em Oitenta*

dias expressava a admiração dos personagens frente a exuberância e o exotismo de outras terras, mantendo quanto aos seus habitantes a perspectiva orientalista de alteridade, denominando-os “os outros”, aqueles que são inferiores a “nós”, os viajantes europeus civilizados.

Ao analisar um livro como *A Volta ao Mundo em Oitenta dias* reconhecemos diversos aspectos e pensamentos em voga no período em que a obra foi escrita, como afirma Marion Brepolh em *Imaginação Literária e Política*:

“[...] tais escritos, desde meados do século XIX, representam, em sua própria linguagem e argumentação, prenhe de suspense, o espírito da época: a sedução da velocidade, o gosto pela aventura, a fé na ciência, o inconformismo diante da pobreza, o herói individual e voluntarista, o desejo de ostentação.” (BREPOHL DE MAGALHÃES, 2010: 24)

Sendo assim, a literatura se relaciona diretamente ao seu contexto de criação, revelando muito sobre a sociedade da época em que foi produzida, e consequentemente podendo ser utilizada como fonte em uma análise historiográfica.

Referências Bibliográficas:

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. *Literatura de exploração e aventuras: as ‘viagens extraordinárias’ de Júlio Verne*. In:

Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 107-119. Dezembro, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a07v20n2.pdf> Acesso em 30 nov. 2010.

BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. *Imaginação Literária e Política. Os alemães e o Imperialismo 1880/1945*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

DORÉ, Andréa. *Marco Polo*. In: *O túnel do tempo: um estudo de história & audiovisual*. Dennison de Oliveira (coord.). Curitiba : Juruá, 2010.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAUNERON, Serge. *A Egíptologia*. Tradução de Helyoysa de Lima Dantas. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

VERNE, Júlio. *A Volta ao Mundo em Oitenta dias*. Editora Martin Claret, 1999.

Practice of Suttee (Sati) in India. Disponível em: <http://www.lotsofessays.com/viewpaper/1690163.html> Acesso em 30 nov. 2010.

Suttee (hindu custom). Disponível em: <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/575795/suttee>. Acesso em 30 nov. 2010.